

EDNEY SILVESTRE
BOA NOITE A TODOS



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2014

**A NOVELA
QUE DEU
ORIGEM
À PEÇA**

Chegou ao hotel em um táxi. Trazia duas malas. Em uma levava os três livros favoritos. Na outra, a roupa para o salto.

Usava um suéter de caxemira claro jogado às costas, sobre uma camisa masculina branca, calças claras, sapatos bicolores de salto médio.

Um figurino adequado para alguém de sua origem e classe social, ela considerara ao escolhê-lo. Discreto, suficientemente composto, mas claramente definidor para quem se desse ao trabalho de perceber — e tivesse informação e cultivo para perceber — minúcias do refinamento e proveniência da camisa de algodão comprada na Via Bocca di Leone, na última viagem que fizera a sua querida Roma, quatro anos antes, a perfeição das linhas retas e bainha dupla das calças de linho cor de sorvete de baunilha, confeccionadas sob medida no mesmo alfaiate londrino com quem seu pai, diplomata, mandava fazer os ternos até se aposentar, a sutil excentricidade da echarpe de seda em desmaiados tons

de amarelo e azul a substituir o cinto, um dia obtida na butique da Place Saint-Sulpice de um costureiro da Avenue Marceau, o bom gosto dos sapatos bege, de bico azul-marinho, adquiridos na Rue Cambon, ainda naqueles outros, findos, longínquos tempos.

Alguma camareira ficará com tudo, ela reflete.

A ideia quase a diverte. Uma camareira metida em calças da Savile Row e sapatos Chanel. Talvez. Provavelmente. Ou a polícia recolherá. Ou entregará à sobrinha. Se Antonia aparecer para recebê-las, o que é pouco provável. Antonia não se abalaria de Londres para a cremação da tia a quem não vê há séculos, de quem não tem notícias há séculos, de quem não recebe uma carta, um telefonema, nem mesmo um cartão-postal há séculos e séculos, menos ainda para receber roupas velhas. Grifes antiquadas. *Tant pis.*

Ninguém escreve mais cartões-postais, Maggie, ela se corrige. Muito menos cartas.

Eu escreveria, ela mesma se contesta. Eu escrevia. Eu mandava. Não tenho mais a quem escrever. Não tenho mais o que escrever.

Minta, Maggie. Minta. Escreva banalidades como todo mundo. Ainda deve haver alguém em sua caderneta de endereços a quem possa enviar um cartão-postal.

É apenas um fichário velho, ela se responde, com capa de couro e nomes riscados de pessoas que já morreram, página após página.

Deve haver alguém, em algum lugar, Maggie. Escreva. Diga que está bem, que o tempo está ótimo, que a temporada na Côte está mais febricitante do que nunca, diga que Monte Carlo ferve com o *beautiful people* de toda a Europa, diga, escreva, bastam duas linhas ou três, conte que havia muito tempo que Courchevel não via tanta gente linda e interessante e que...

Courchevel? Côte d'Azur? Ninguém mais vai a esses lugares. Que coisa mais *démodé*. Tanto quanto a própria palavra *démodé*.

Você não vai mais, Maggie. Porque não pode. Não tem como.

Ninguém mais vai. Não as pessoas que importam. Monte Carlo tornou-se apenas um refúgio de novos-ricos e corredores de Fórmula 1 fugindo de impostos dos seus países de origem, e louras ucranianas à cata de rotundos senhores generosos que as queiram exibir.

Maggie, Maggie, ela se recrimina, desde a morte de Andy Warhol, no século passado, ninguém fala mais *beautiful people*, Maggie. Ninguém. Nem mesmo você.

Eu deveria ter jogado fora minha caderneta de endereços. A polícia vai revirar as páginas e não haverá ninguém a quem chamar. Deveria ter colocado um adendo explicando que Antonia é minha sobrinha? Minha única parente viva? Não importa. Nem trouxe a caderneta de endereços. E Antonia não virá. Claro que não virá. E por que viria? Sempre me detestou.

Antonia não detesta você, Maggie. Não tem inteligência para isso. Nem memória.

Claro que tem. É evidente que tem. Desde a morte da mãe, Antonia me detesta. Me odeia. Tem horror de mim. Por conta da morte de minha irmã. Minha bela irmã. Minha refinada bela irmã. Minha refinada, bela, loura, magra irmã.

Ela não era sua irmã.

Minha magra, loura, bela, refinada meio-irmã, sim. Claro que era minha irmã. Filha do meu pai com a escocesa. Mary, Queen of Scots. Por que estou me lembrando disso?

Por que está se lembrando disso, Maggie?

Quem foi Mary? Minha irmã loura, magra, bela e refinada não se chamava Mary. Minha meio-irmã se chamava... O nome dela era... Ela se chamava...

Não era Mary. Não era Mary. Não importa.

Certo, Maggie, ela concede. Não importa. O nome de sua meio-irmã não importa. Não importa mais.

Não quero pensar nisso.

Não precisa pensar nisso, Maggie.

Minha sobrinha sempre me culpou pela morte de Mary. Não era Mary. Era... Não importa. A linda mãe dela. A ruiva Tess.

Loura.

Ruiva.

Loura.

Tess? O nome de minha linda irmã ruiva era Tess? Sim, isso, Tess. Theresa. Tassy. Comprida, pernas longas, quadris estreitos... Tudo caía bem nela. Menos a vida.

Não pense nisso, Maggie. Não importa. Não tem mais importância.

Não sinto nenhum remorso. Nenhum. Nenhum, nenhum, nenhum. A morte de Theresa começou muito antes de ela jogar o carro contra

uma árvore na estrada de... Naquela estrada, perto de Londres. A morte dela começou muito antes.

Não pense nisso, Maggie. Não recorde isso. Não trará nada que sirva. Não importa mais.

A morte de Tess começou muito antes. Acho. Não me recordo bem. Tem algumas coisas que parecem ter se apagado da minha mente. Sei que não fui eu. Não tive culpa. Não fui eu. Foi ele. Ele me procurou. Seu pai me procurou, querida Antonia. Seu adorável pai. O marido de Mary... Tess. Tassy. Tess. Theresa. Teresa. Assim é que foi. É assim que me lembro. Não importa. Sua mãe, querida sobrinha, sua mãe...

Esqueça, Maggie. Apague isso. Mitigue essa dor. Apague. Deixe ir embora.

Sua mãe, querida sobrinha, sua mãe, sua mãe Tereza, sua mãe Theresa, Tess, a linda Tess, a magra, linda, ruiva Tess sempre foi infeliz. Como minha mãe. Minha mãe era brasileira.

Pare de pensar nisso, Maggie. Simplesmente pare.

Sua mãe era linda e escocesa, como a mãe dela, Isabel. Isabel e Mary. Não: Isabel e Tassy. Mary era a rainha da Escócia e Isabel era...

Apague isso, Maggie. Apague.

Tassy, Tess. Teresa. Não importa. Lindas. As duas. Sua mãe e a minha. Minha mãe e a sua. Tess e mamãe. Lindas. Perfeitas. Chiques. *Soignéés*... Idênticas na infelicidade. Iguais. Separadas apenas por um oceano.

Maggie, Maggie, Maggie, ela se repreende, quero que você pare imediatamente de trazer esse assunto de volta. Não quero ouvir mais nem uma palavra sobre esse assunto.

Se não fossem os barbitúricos, minha mãe teria cortado os pulsos. Ou aberto o gás. Ou jogado o carro contra uma árvore, como Tess. Sempre há uma maneira. O que eu fiz... O que eu fiz, não: o que seu pai fez. Ele... apenas apressou a decisão de Tassy. Tess. Ou o que nós fizemos, seu pai e eu. Não me lembro direito.

Aconteceria de uma forma ou de outra, Maggie. Não foi culpa sua.

Aconteceria, querida Antonia. De uma forma ou de outra. Mais dia, menos dia, sua mãe Mary... Tassy. Sua mãe Tassy. Tess. A linda filha loura e longilínea de minha madrastra escocesa. Elizabeth. Não. Mary? Isabel? A escocesa que roubou o marido de minha mãe. Que terminou por jogar minha mãe, silenciosa e meio cega,

pelo resto da curta vida, numa cama, no escuro, na parte de cima de nossa casa.

Da casa de seu avô, Maggie.

Da casa do meu avô.

A casa para onde seu avô levou sua mãe, depois que ela se partiu, como um cristal, em tantos pedaços impossíveis de recompor.

Minha mãe era muito mais bonita do que a escocesa do meu pai. Tess não era minha irmã. Era meio-irmã, apenas. Fomos amigas quando crianças, mas...

Não.

Sim, fomos.

Não e não, Maggie.

Quando crianças, nós éramos...

Nunca, Maggie. Você e Tess nunca foram amigas.

Sua mãe e eu nunca fomos amigas, querida Antonia. Nem quando éramos muito meninas.

Esqueça o que aconteceu com Tess. Esqueça o que você fez.

Não fiz nada, diz a si mesma, com irritação. Não me desculpo pela morte de Tess porque não posso ser acusada da morte dela. Não me desculpo. Lamento. Apenas lamento. A vida não lhe caía bem. Eu, ao contrário...

Você não está se lembrando disso, Maggie. Você não deve. Não lhe fará nenhum bem.

Não me recorde de como aconteceu. Nunca imaginei que uma brincadeira erótica com o cunhado acabasse levando Tess a... Nem cunhado ele era. Meio-cunhado, existe isso?

Pense numa música, Maggie. Qualquer música. Você gostava tanto de música. Como era aquela canção alemã que você ouviu numa noite de gala, no Metropolitan de Nova York, aquela canção de Richard Strauss que a encantou tanto, na voz da majestosa *mezzosoprano* negra? Ouça, Maggie. É assim:

*Nun der Tag mich müd gemacht,
Soll mein...*

Lembre-se dela. Da canção. Pode lembrar, Maggie. A música acalma. A música serena sua inquietude, Maggie.

Ela ouviu, ou achava que ouvia, ou acreditava que ouvia, uma outra canção. A voz era da mesma majestosa *mezzosoprano* negra. A voz pedia, ou Maggie acreditava que pedia: “*Thy hand, Belinda. Darkness shades me/ On thy bosom let me rest...*”

Geoffrey chorava quando procurou por mim no pequeno apartamento onde eu já morava havia vários meses, depois de deixar a casa de papai e Isabel. Não podemos mais continuar nossa relação, ele disse. Soluçava. Chorava de soluçar. Não podemos ou você não pode, Geoffrey?, eu perguntei.

Gregory. O nome do seu cunhado era Gregory.

Sim, talvez fosse Gregory. Ou Jonathan. Ele ainda não era meu cunhado.

Gregory é o pai de sua sobrinha, Maggie.

Gregory chorava quando me disse que estava rompendo a ligação. Nem ele nem eu tínhamos dinheiro, eu havia acabado de começar meu pequeno comércio. Tess, ele me falou, aos prantos, Tess ao menos vai herdar alguma coisa, uma ou duas propriedades na Escócia, ele me disse, e eu perguntei se ele, Geoffrey, estava me trocando por algumas libras, mas ele disse que não, ele disse: Tess está grávida, ele disse que Tassy estava grávida dele, grávida de um filho dele, de Gregory, grávida de alguma coisa que ele enfiara em Tess porque ela pedira, seis meses antes, grávida de seis meses, assim Geoffrey me

falou em frente ao prédio onde eu estava morando e onde nós nos encontrávamos, ele nem quis subir ao apartamento, ele disse, assim Gregory me disse, não, Geoffrey me disse, em lágrimas, soluçando como um tolo, e tolo ele era, Jonathan, Geoffrey, o pai de Antonia. Seu pai, querida Antonia.

Pense melhor, Maggie. O nome dele era Gregory.

Que importa? Não roubei Geoffrey, Jonathan, aquele chorão, da mãe de Antonia. Dois chorões, Geoffrey e Tess. Eu havia namorado Geoffrey antes. Gregory. Sua mãe o tomou de mim. Você já era nascida quando Geoffrey voltou a me procurar. Jonathan. Gregory. Foi seu pai quem me procurou. Eu não era bonita como sua mãe. Ela era ruiva, de pele muito branca, magra, com quadris estreitos e pernas longas. Bem diferente de mim. Eu nunca fui bonita. Não no sentido clássico de beleza. Mas eu era jovem. Eu tinha entusiasmo, eu tinha alegria, eu tinha... o que sua mãe nunca teve. Vida.

O porteiro uniformizado tirou o boné e abriu a porta do táxi para Maggie com uma medida. *Très chic. Très faux chic.* Antes de descer do veículo, colocou os óculos escuros grandes

e arredondados, que acentuavam a semelhança com Jackie Kennedy.

Quem ainda sabe quem foi Jackie? Tanto faz. Não importa.

Gostava que notassem, ainda que sempre pretendesse não ter em grande conta, a equivalência do desenho agudo dos maxilares, dos olhos escuros demasiado afastados, a semelhança dos seios pequenos, dos quadris largos...

Os quadris largos que deveriam significar a boa parideira, algo que nunca fui, nem sequer consegui engravidar. Em nenhum dos três casamentos. Jamais. Jamais. Jamais. Muitas vezes jamais.

Maggie caminhou com confiança. É assim que ela caminha. Assim aprendeu. É longo o percurso entre o táxi e a porta giratória do hotel, ainda que sejam necessários apenas uns poucos passos, do veículo amarelo que já partia à entrada de vidro e puxadores de cobre, muito polidos, do prédio de anódina estética internacional. Sempre fora assim: qualquer trajeto em público era, para ela, um trajeto penoso, árduo, puro teatro. Todos os trajetos. Assim entrava nos lugares. Teatralmente confiante. Uma atriz diante de uma plateia a qual teme e precisa conquis-

tar imediatamente, no exato instante em que é vista pela primeira vez. Assim aprendera. Assim atravessava os salões. Como fizera ao ver o dourado Harry no outro extremo da casa de campo, num sábado frio de janeiro. Assim vai entrando no hotel.

Algumas horas, é tudo de que preciso. Um pouco de tempo. Pouco.

A voz retorna. De onde? Por quê? A voz canta em inglês agora.

*May my wrongs create
No trouble, no trouble in thy breast.*

*Remember me, remember me, but ah!
Forget my fate.*

Não.

Sim.

Não, Maggie, não traga essa canção de volta. Não essa. É uma canção de morte, não de descanso. Você não pode. Não aguenta.

Não posso por quê? ela se questiona, impaciente. Porque pede “*remember me*”? Porque implora “*forget my fate*”? Sem piedade. Não preciso de piedade.

Todos precisamos de piedade, Maggie. Em algum momento de nossas vidas, todos precisamos de piedade.

Eu não preciso. Nunca precisei. Nem hoje, nem nunca. Não sou como minha mãe.

Algumas pessoas são mais frágeis, Maggie. Como sua mãe. Como Tess. Você aprendeu a ser mais resistente. Desde pequena.

Não faça barulho, as babás e as empregadas da casa do avô lhe diziam. Fique quietinha, as babás, as empregadas, as enfermeiras da casa de seu avô lhe diziam. Barulho é como agulhas sendo enterradas na cabeça de sua mãe, elas diziam. Silêncio, lhe diziam. Você quer enfiar agulhas na cabeça de sua mãe, quer, quer?

Não usava nenhuma maquiagem. Prendera os cabelos, tingidos de preto, em um rabo de cavalo, mas soltara-os a caminho do hotel e abriu a janela do táxi, para senti-los ao vento. Sempre gostara de vento nos cabelos. Mesmo naquele inverno britânico de mil novecentos e... E quantos?

Não importa, ela se diz. Naquele inverno, isso lhe basta.

Naquele inverno, em algum tempo entre os anos 1960 e 1970, Maggie não sabe mais quan-

do, naquele inverno, ela saía para fins de semana fora de Londres. Ia a propriedades rurais de gente cujos nomes não recorda, nem isso lhe importa, ou tenta se convencer de que não importa, não de verdade, pois lembra serem nobres, quase nobres, descendentes bastardos de nobres, empobrecidos, mas esnobes, em suas casas sem aquecimento, em castelos já sem os móveis, vendidos em leilões ou para novos-ricos americanos, nobres e quase nobres de dentes acavalados, quem eram não importa, importa que ela chegava com os cabelos pretos soltos em um pequeno conversível verde, talvez não fosse verde, talvez fosse azul, talvez não fosse dela, mas sim de algum namoradinho descendente de nobres sem dinheiro, algum rapaz pálido, de dentes acavalados, dono de um miniconversível que tivera um par de proprietários antes dela, ou antes dele, mas que o jovem pálido de dentes acavalados permitira que ela dirigisse quando foram à propriedade dos pais dele, em alguma área rural da Grã-Bretanha, a caminho do País de Gales, ou talvez fosse... Talvez fosse...

O carro não era seu, Maggie.

O pequeno conversível prata era meu.

Você não sabe dirigir, Maggie.

Talvez, naquela manhã de inverno, eu tenha permitido que ele dirigisse o meu miniconversível. Eu tinha ciúmes daquele carrinho, não queria que ninguém o tocasse, mas, quem sabe, naquela manhã daquele inverno eu ia ao lado, no banco ao lado, que diferença faz, o carrinho tinha lataria ruidosa e nele eu gastara todas as libras ganhas com a venda de balangandãs e cópias de santos barrocos comprados na Bahia e em Minas. Isso foi antes de conhecer Harry, o dourado Harry. Ele estava do outro lado do salão quase sem móveis da casa dos pais de... Daquele rapaz pálido, um namoradinho sem importância.

“Hey there, Georgy girl, there’s another Georgy deep inside”, la-la-ri-lalá-lari-larará-lará... Que canção será essa, *my dear God*, quando foi que...

O jovem louro, grande, bronzeado estava do outro lado do salão. Maggie pensara, no instante em que o vira, que o homem jovem se parecia com um ator de cinema cujo nome também se apagou, entre tantos outros sumidos. Se pudesse trazer o nome de volta, seria...

Maggie atravessou com passos firmes, decididos, teatrais, estelares, tal como havia treinado

e ensinado a si própria, o salão da casa construída no século XVIII pelos antepassados então poderosos de seu namoradinho de fim de semana: uma vencedora. Estendeu a mão para o homem dourado e lhe disse, galanteadora, ousada, citando o ator de “Romeu e Julieta” com quem o achara parecido: Olá, você deve ser o Michael York. Ele sorriu, um brilhante sorriso branco e alinhado de americano, e lhe respondeu, com indisfarçável sotaque ianque: E você deve ser a Jackie Kennedy. Os dois riram. O americano e a brasileira riram. Alto. Tal como os ingleses detestam. E ali, com aquelas risadas inadequadas, começou a história do americano *wasp* dourado e a brasileira quase sócia de Jacqueline Kennedy Onassis.

Eu não era bela, mas era jovem. Mais bela porque era jovem e chegava de conversível. O meu conversível.

Maggie, você nunca teve nenhum conversível. Você nunca aprendeu a dirigir. Você tem medo de dirigir.

Ah, eu sei bem a impressão que causava ao chegar, um tanto despenteada, um tanto afogueada, completa e totalmente atraente, a bordo do minicarro.

Fascinante, sedutora, vigorosa, chegava de conversível, ela hoje acredita. Comprado com seu dinheiro, ela hoje se diz. Seu primeiro dinheiro próprio. O despertar de seu espírito utilitário. Seu pequeno comércio. Os santos e as pratarias trazidos do Brasil e vendidos aos apalermados ingleses e outros tantos europeus desembarcados na Swinging London. Quem não estava apatetado por haxixe ou ácido lisérgico — não ela, que detestava perder o controle — copiava as revistas de moda que abraçavam qualquer coisa que pudesse ser carimbada como étnica. Tal como o material que ela trazia da terra de seu pai, os *bijoux* e *objets d'art* vindos da exótica, ensolarada e verdejante América do Sul, onde as cidades despontavam no meio das florestas densas, adornadas por coloridas araras e orquídeas em tecnicolor.

*Brazil, where hearts were entertaining June,
We stood beneath an amber moon
And softly murmured "someday soon"...*

Sua madrasta foi contra, seu pai fingiu que não compreendia bem o que ela estava fazendo, suas colegas se espantaram. Comércio era coisa de gatinha, *very lower class*. *Feeegahs? Bahlah-*

gandahns? Sim, sim, figas e balangandãs. Pois de que lhe adiantava estar em Londres, no final dos anos 1960, portando o bom par de sobrenomes brasileiros herdados da família pernambucana do pai, se vinham acompanhados apenas de rasa conta bancária? Ademais sugada em quase todos os centavos pela madrasta escocesa? Ademais perfurada pela eterna incompetência do pai?

A imagem que lhe vem é de um velho filme de Hollywood. Na frente de um cenário de papelão pintado representando o Rio de Janeiro, uma mulher com um cesto de frutas na cabeça canta. Ela sabe que sabe quem é a mulher com um cesto de frutas na cabeça. Apenas o nome não lhe ocorre no momento. A mulher na fita em preto e branco repete e repete o mesmo refrão.

O que é que a baiana tem?

O que é que a baiana tem?

O que é que a baiana tem?

O que é que a baiana tem?...

A mulher com um cesto de frutas na cabeça não tem o rosto que ela conhece dos velhos

filmes de Hollywood. A mulher com um cesto de frutas na cabeça, girando as mãos e balançando o corpo na frente de um Rio de Janeiro de papelão pintado, tem a cara de Maggie. Ela se vê cantando: “O que é que a baiana tem?, oi, o que é que a baiana tem?, oi, tem pano da Costa, tem, oi, barato como convém, oi, tem prata vagabunda, tem, oi, pechinchas para ingleses tem, oi...”

Sua primeira invenção. Um comércio discreto. *Not at all lower class*. Quase chique. Quase. Figas, pulseiras, colares, panos da Costa, profetas de pedra-sabão, Virgens de madeira. *Your lovely* muamba, dizia a madrastra escocesa, com um indifarável tom de ironia. *My lovely* muamba, ela assumia, conforme se via dona de suas próprias libras e *pence*. *Her lovely* muamba levada em malas nunca abertas na alfândega inglesa, diante do passaporte diplomático garantido pelo trabalho do pai no Instituto Brasileiro do Café. Há muito, muito tempo. Tudo foi há muito tempo. Tanto que nem se lembra. Por mais que tente. Ficou para trás, na estrada.

*So goodbye yellow brick road
Where the dogs of society howl...*

O homem está vestido de palhaço ao entrar no palco: assim vem à sua memória. Não, ela rejeita, ele não estava vestido de *clown*. Suas calças são listadas. Suas calças não eram listadas. Estou certa de que eram listras largas, verticais, amarelas e azuis. Não eram. Amarelo e azul eram as cores das listras oblíquas da gravata da *private school* de Jonathan. De Gregory. Gregory, Andrew, *who cares*, quem é que se importa? Nem se viam as calças, aliás. Ele estava atrás de um piano de cauda preto.

Piano de cauda branco, Maggie.

Branco. Sim, piano de cauda branco. Ele também se vestia de branco. Uma casaca branca. De cetim. Ou seda. Óculos cor-de-rosa, enormes, cobriam boa parte de seu rosto. Ele cantava. “*So goodbye yellow brick road, Where the dogs of society howl...*”

Adeus, Harry.

Não me obrigue a escolher, Maggie.

Adeus, Harry.

Não me obrigue a escolher, Maggie. Eu te amo, mas amo a ele, também.

Adeus, Harry.

Não me obrigue a...

Adeus, Harry, adeus.